

---

# INFÂNCIA, CANDOMBLÉ E ESCOLARIZAÇÃO

Eduardo Quintana (\*)

Jaqueline de Fátima Ribeiro (\*\*)

No candomblé, a representação da grande mãe é Yemanjá, a mãe de todos os filhos, mãe de todo mundo e, por isso, os órgãos que a relacionam à maternidade, ou seja, a sua vulva e seus seios são sagrados. Diz um itan que Yemanjá vivia sozinha no Orum. Um dia, Olorum decidiu que Yemanjá precisava ter uma família e de sua barriga nasceram todas as estrelas. Mas, as estrelas não fizeram companhia a Yemanjá e ela continuou sozinha, solitária. Foi quando de sua barriga nasceram os orixás Exu, Ogum, Oxóssi, Ossaim e Xangô. Ela é uma mãe que não só cuidou de seus filhos, mas também de Obaluaê, que, ao ser abandonado por Nanã, sua mãe, encontrou em Yemanjá os cuidados necessários para que suas feridas cicatrizassem.

O itan nos permite ingressar no universo da maternidade nas religiões afro-brasileiras, por se constituir uma referência mítica possui um sentido muito forte, que vai da concepção, da criação, ao ato de cuidar. No candomblé, o fato dos orixás, as Aiabás, vivenciarem a experiência da maternidade, coloca a concepção, e o ato de cuidar, como característica primeira da mulher (VERGER, 1986). Neste caso, ter filhos é algo necessário no processo de maturidade. Se eles (filhos) não são concebidos do ventre da filha de santo, certamente o serão fruto da “sua navalha”, no caso da sacerdotisa (mãe de santo) ou do simples ato de segurar uma vela acesa (mãe pequena).

No texto apresentamos a trajetória de uma das filhas de santo entrevistada na pesquisa, Conceição,<sup>1</sup> conhecida no candomblé como *Omorodessi*, filha do orixá Oxossi, 27 anos, mulher negra, de família candomblecista, mãe de Fajobi. Omorodessi integra o terreiro de Mãe Flor, situado no município de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense. Sua fala é permeada pelo sentido da maternidade e da identidade religiosa, e através dela, faremos uma imersão no universo religioso do

---

(\*) Professor Adjunto II da Universidade Federal Fluminense. Coordenador do Laboratório de Diversidade, Educação e Cultura ? LaDEC, sediado no Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira da Universidade Federal Fluminense (PENESB-UFF) e do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas NEABI-UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense - Darcy Ribeiro). *E-mail*: eduqn@yahoo.com.br.

(\*\*) Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, onde desenvolve pesquisa de mestrado sobre o tema: Infância no Terreiro de Candomblé. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (2012). *E-mail*: jaqueline-rb@ig.com.br

---

candomblé, os motivos que levam o indivíduo a ingressar no universo religioso afro-brasileiro (iniciação), a infância no terreiro, a relação com a escola, e situação de preconceito e intolerância religiosa.

### **INFÂNCIA E INSERÇÃO DA CRIANÇA NO TERREIRO**

A trajetória de Omorodessi, sujeito da pesquisa e praticante do candomblé, é permeada pelo sentido da maternidade. Por meio de sua fala, serão conhecidos os motivos que a levaram a ingressar no universo religioso do candomblé, do mesmo modo os motivos da inserção de seu filho na religião. Sua fala também nos permite entender como compatibiliza, ou não, a escola com as “obrigações religiosas”, estendendo-se a análise para as expectativas sobre a escolarização de seu filho e as expectativas quanto ao futuro dele na religião.

Na apresentação, Omorodessi fez questão de observar que concluiu o Ensino Médio. Na época da entrevista ela estava desempregada, sendo seu último emprego o de auxiliar de serviços gerais. Seu companheiro estudou até a quarta série do Ensino Fundamental e trabalha como auxiliar de serviços gerais em uma cooperativa que presta serviço para órgãos públicos.

Sobre seu companheiro, ela afirma que, quando jovem, ele frequentou o terreiro onde a mãe era filha de santo; porém, depois que “cresceu”, não frequentou mais a religião. Sua fala é significativa, pois permite observar que, no caso de filho(a) de santo que tem filhos pequenos, a ida ao terreiro é precedida de uma negociação com suas redes familiares, pois, embora, este seja um espaço onde a presença da criança é permitida, os pais, motivados pelos mais variados motivos, optam por não levá-la.

Quando era mais novo, até frequentava, porque a mãe dele é de candomblé. Só que hoje em dia ela não vai mais. Ele não gosta muito. Não gosta. Eu venho pra cá, mas ele não gosta que eu fique aqui direto. Meu filho, quando a minha mãe não pode ficar com ele, vem comigo.  
(Anotações de campo.)

Omorodessi declara que seu companheiro prefere ver o filho longe do candomblé. Além disso, Fajobi “não tem idade para ficar no candomblé” e que só o leva “em último caso”. Perguntei a ela o que significava “não ter idade” e ela me respondeu prontamente que “ele era uma criança e que criança não deve ficar metida em candomblé”. Argumentei que, na maioria das vezes que estive na casa de Mãe Flor, vi crianças brincando e, pelas roupas que usavam, deveriam ter algum vínculo com a religião; por isso, não entendia sua resistência em trazer o filho. Omorodessi observou que há

---

dias em que o terreiro fica vazio, com pouco(a)s filho(a)s de santo, e eu devia estar me referindo aos dias em que havia função, provavelmente, um dia de festa. Nesses dias, o(a)s filho(a)s de santo trazem o(a)s filho(a)s; inclusive, suas irmãs, que também são filhas de santo do terreiro, costumam trazer seus sobrinhos: “Aí, dá para trazer o Fajobi, porque vai ter criança para brincar. Isso aqui fica uma festa”. Perguntei como era “fica uma festa”. Ela me respondeu que é brincadeira de criança, que acontecem das formas mais diversas e sem a presença do adulto.

Neste caso, o brincar não se opõe ao real, ao sagrado, e uma das brincadeiras mais disputadas era aquelas em que as crianças simulavam um xirê, uma festa de candomblé, com direito a atabaques, ogãs, equédes e rodantes recebendo santo. As crianças se organizam e brincavam em um espaço que não é pensado nem estruturado para esse tipo de situação (QUINTANA, 2012).

A brincadeira é um elemento cultural e uma das características da infância, nela ao mesmo tempo em que criança cria uma cultura que lhes é própria, ela também transforma os elementos culturais advindos da cultura geral. Neste caso o processo da formação da cultura infantil é construído pelas próprias crianças. É um dos aspectos da socialização elaborado pelas próprias crianças, em seus grupos de pares, ou seja, “educação da criança, entre as crianças e pelas crianças”. Desse modo as crianças brincam utilizando as regras de comportamento e códigos da cultura geral (FERNANDES, 2004).

No livro “A cidade das mulheres”, um dos raros textos em que a infância é retratada dentro das religiões afro-brasileiras, a antropóloga norte-americana Ruth Landes comenta o papel ativo das crianças no Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho:

Crianças vinham com as mães e pouco depois chegavam os homens, vindos da cidade, e ficavam à espera que a cerimônia começasse. Todo mundo estava de branco, por ser esta a cor emblemática do deus que se festejava, Oxalá, bastante idoso para experimentar quaisquer desejos; e era por isso que eram brancas as rosas que eu trouxera para o altar. Crianças saltavam e corriam ao redor de nós e, ao final, duas delas agarraram a mão de Edison e nos levaram às pequeninas casas, cada qual dedicada a uma divindade diferente, construídas às vezes, em volta do tronco desmedido das árvores sagradas. Importunavam Edison, que fingia esquivar-se e pilheriava com elas; tagarelavam estridentemente, com irreverência, sobre a função a começar, sobre os trajes das sacerdotisas e sobre os seus próprios anjos-da-guarda. Raramente os adultos lhes davam atenção, de modo que a rara submissão de Edison era um regalo. Nos seus vestidos e camisas brancas, giravam em torno dele, que se mantinha em pé como poste. (LANDES, 2002, p. 82-83).

---

A leitura do livro possibilita um exercício especulativo sobre a infância no candomblé, pois não só nessa passagem como em outras as crianças são apresentadas como seres que interagem com a realidade ao seu entorno, fazendo isso à sua maneira e a seu propósito, estabelecendo novas interações e apropriando-se da geografia do terreiro de candomblé à guisa das regras estabelecidas pelo mundo adulto.

Podemos observar que no cotidiano do terreiro as crianças não são meras coadjuvantes; elas são atores sociais em um espaço que implica a produção de culturas infantis no mundo adulto, tornando o terreiro o espaço de suas presentificações (do estar presente). Elas (as crianças) se apropriam do espaço como sujeitos ativos, acrescentando sentido ao mundo adulto por meio de suas brincadeiras. São as territorialidades infantis.

No candomblé, as crianças brincam reproduzindo e significando situações que vivenciaram e vivenciam, utilizando regras existentes no universo do qual fazem parte, onde a reprodução interpretativa da cultura religiosa afro-brasileira possibilita o surgimento e a criação de brinquedos e brincadeiras que são compartilhados pelo grupo. Por exemplo, quando brincam reproduzindo uma “roda de candomblé”, fazem uso das regras do xirê. Assim, se uma delas faz o papel da mãe de santo, as outras fazem o papel de filho(a)s de santo, em uma distribuição de papéis que reproduz as funções existentes no seu interior, como as de adoxu, equéde e de ogã.

Porém, devemos estar atentos para o fato de que essa distribuição de papéis que representam precede a existência de regras estabelecidas entre elas, onde é preciso que haja concordância. Antecedendo essa distribuição, acontece uma intensa negociação entre os pares sobre os papéis que cada um assumirá e à menor desobediência ou quebra dessas regras, a brincadeira é interrompida.

Todo jogo tem suas regras. São estas que determinam aquilo que vale dentro do mundo temporário por ele circunscrito. As regras de todos os jogos são absolutas e não permitem discussão [...]. E não há dúvida de que a desobediência às regras implica a derrocada do mundo do jogo. O jogo acaba (HUIZINGA, 2010, p. 14).

Quando as crianças brincam pegam algo da realidade, de seu cotidiano e o reproduzem, mas sempre acrescentando, transformando em coisa nova. Assim, quando as crianças assistem aos rituais, reproduzem nas brincadeiras o que viram, aprendendo no candomblé ao mesmo tempo em que significa esse espaço. Em seu livro, Huizinga (2010) afirma que uma das funções do jogo nas formas mais elevadas é uma luta por alguma coisa ou a representação de alguma coisa.

O ritual é um dromenon, isto é, uma coisa que é feita, uma ação. A matéria desta ação é um drama, isto é, uma vez mais, um ato, uma ação representada num palco. Esta ação pode revestir

---

a forma de um espetáculo ou de uma competição. O rito, ou o ato ritual, representa um acontecimento cósmico, um evento dentro do processo natural. Contudo, a palavra representada não exprime o sentido exato da ação, pelo menos na conotação mais vaga que atualmente predomina; porque aqui representação é realmente identificação, a repetição mística ou a rerepresentação do acontecimento. O ritual produz um efeito que, mais do que figurativamente mostrado, é realmente reproduzido na ação. Portanto, a função do rito está longe de ser simplesmente imitativa, leva a uma verdadeira participação no próprio ato sagrado. (HUIZINGA, 2010, p. 18).

Assim, pudemos observar que no candomblé, mesmo não sendo um lugar pensado para a criança, e que em alguns casos seus pais resistem em leva-las, de um modo ou de outro, seja porque não tem com quem deixa-las ou porque é dia de festas, as crianças estão presentes no terreiro, brincando, circulando pelo espaço, se organizando em grupos, em seus modos brincantes, assumindo papéis, entrando no universo simbólico afro-brasileiro, reproduzindo nas brincadeiras o que viram, significando, à sua maneira, os códigos culturais, sociais e religiosos necessários à sua inserção no universo religioso de afro-brasileiras em condições mais favoráveis.

### **INICIAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO: DO CHÃO DO TERREIRO AO CHÃO DA ESCOLA**

Sobre como chegou ao candomblé e os motivos que a levaram a “fazer o santo”, Omorodessi diz que não lembra a primeira vez que foi ao terreiro de Mãe Flor. Ela costumava ir às festas de erê levada pela mãe. No entanto, aos oito anos, Omorodessi começou a ter “problemas de nervos” e a tomar vários remédios de tarja preta. A quantidade era tanta, que, quando ia à escola, dormia nas aulas “o tempo todo”; por isso, não conseguia acompanhar as aulas. Na tentativa de resolver seu “problema de saúde”, sua mãe a levou ao terreiro de Mãe Flor, de quem era muito amiga, para que ela jogasse os búzios. Ela queria saber que mal era aquele, pois achava sua filha muito nova para ter problemas de nervos; na verdade, a mãe tinha medo de que a filha fosse epilética.

Omorodessi contou que ela jogou os búzios e “descobriu” que os problemas não eram de saúde, como os médicos identificaram e, sim, problemas espirituais causados por “cobrança do santo”: era Oxossi cobrando “feitura”. Uma herança, pois sua família sempre frequentou o candomblé, principalmente a família de seu pai. Contudo, sua mãe de santo não achava correto ela se iniciar naquele momento, pois era muito nova e isso iria atrapalhá-la na escola. Era de opinião que Omorodessi deveria terminar os estudos, de preferência o Ensino Médio, pois seria a escola e

---

não o candomblé que daria a ela a possibilidade de ter uma vida melhor, um emprego. Assim, Mãe Flor resolveu lhe dar um bori para “acalmar as coisas”, permitindo que tivesse “uma vida normal” até ser iniciada.

Este fato aponta para a existência de estratégias, de “fundamentos”, como o bori, que possibilitam que se adie o momento da iniciação. A existência de “acordos” entre o sacerdote e o orixá, em que a iniciação e as obrigações são adiadas de forma a possibilitar que o(a) filho(a) de santo as realize em condições mais favoráveis. Na maioria dos casos, o “acordo” geralmente acontece pela ausência de recursos para custear a “obrigação” ou por indisponibilidade de tempo. No caso de Omorodessi, é evidente que o fator tempo foi priorizado, levando sua mãe de santo a optar pelo bori, possibilitando a ela a continuação dos estudos. Todavia, Oxossi não esperou que ela terminasse os estudos e, aos 18 anos, Omorodessi é recolhida para “fazer o santo”.

Perguntei a ela o que havia acontecido, se ela voltara a ficar “doente”, a ter “problemas de santo”. Ela afirmou que Oxossi “ficou muito chateado” com as coisas que estava fazendo e, por isso, estava “cobrando sua feitura”. Esse é um dado importante, pois o pacto firmado entre sua mãe de santo e o orixá, para que este “esperasse” pela conclusão dos estudos dela, foi “quebrado” pelas atitudes que o orixá entendia não serem corretas. Omorodessi confidenciou que, naquela época, antes de “fazer o santo”, ela era “maluca”, “doida”, que “não estava nem aí para as coisas”, que gostava de “balada”, de sair muito e namorar bastante, “não tendo destino e horário para chegar”. Omorodessi acredita que suas atitudes desagradaram ao orixá e que sua iniciação foi a maneira encontrada por ele para dar um basta em suas “doideiras”.

Nesse caso, é evidente que a iniciação antes do prazo firmado fora a estratégia encontrada pela mãe de santo para resolver um problema específico, dando outro rumo à vida de sua filha de santo. A “vontade do orixá” pode ser traduzida como a reação do grupo ao fato de ela não apresentar, naquele momento, comportamento condizente com a condição de filha de santo do terreiro de candomblé de Mãe Flor. A iniciação, acompanhada do período de recolhimento ou “resguardo”, foi aplicada em sua função socializadora, exercendo limites sobre suas ações. Tanto é que Omorodessi tem plena consciência da mudança de seu comportamento, de sua maneira de ver as coisas, não só as coisas da religião, como as coisas da vida.

Omorodessi estava cursando o último ano do Ensino Médio. Como ela se iniciou no final do mês de setembro e não pôde frequentar a escola por três meses, foi reprovada por falta, somente retornando às aulas no ano seguinte: *Eu fiquei recolhida e não tinha como ir para a escola. Eu*

---

*estava numa situação assim... Eu tive que fazer tudo correndo.* Afirma que, dos oito aos 18 anos de idade, período que frequentou o terreiro de Mãe Flor, suas idas ao candomblé não atrapalharam a escola, pois sua mãe de santo não permitia que faltasse; para ela, “havia tempo pra tudo” e que na vida tudo deve ser planejado: “o dia de ir para a escola, é o dia de ir para a escola” e o “dia de ir para o candomblé, é o dia de ir para o candomblé”. Sua mãe de santo “marcava duro” com ela e mantém a mesma rigidez com seu filho e demais crianças do terreiro. Ainda com respeito à escolarização, Omorodessi disse que suas irmãs, também filhas de santo do terreiro, “pararam de estudar por opção, que a religião não interferiu em nada”. Percebi, por sua expressão, que ela não desejava se alongar sobre o assunto.

Sobre a relação da escola com o candomblé, Omorodessi afirmou que na escola aprendeu muito; mas, no candomblé, aprendeu mais: aprendeu a “rezar, a ler... a respeitar os mais velhos! Respeitar a todos”. Esta foi uma clara demonstração de que os processos de socialização religiosa existentes no interior do terreiro pressupõem a inserção do(a) filho(a) de santo nas redes de sociabilidades que se formam dentro do grupo religioso.

Tive bastante educação. Educação em geral! O que eu achava ruim na época, hoje eu acho maravilhoso. Quando você é nova, você acha tudo ruim, tudo chato, tudo horrível. Mas, com o passar do tempo, o que era ruim, hoje é exemplo. Que a gente pode falar com as pessoas. A gente tem o que falar, o que contar para os que estão chegando agora [com ênfase na fala]. O candomblé sempre foi bom pra mim, com relação a tudo na minha vida. Eu gosto muito da minha mãe de santo. [...] Aprendi a dançar, aprendi a fazer as coisas, a cuidar da casa de candomblé, a fazer as comidas de santo, a conhecer o meu santo. Aprendi com ela a ser a pessoa que eu sou hoje. (Anotações de campo.)

Omorodessi cursou o Ensino Fundamental e o Médio na mesma escola, próxima à sua casa, e sempre foi boa aluna. Ela gostaria de ter “feito faculdade de Patologia Clínica”, o que não aconteceu devido à falta de condições financeiras para custear os estudos.

Perguntei à Omorodessi se na escola sabiam que ela era de santo, que frequentava o candomblé. Ela me respondeu que, apesar de manter uma boa relação com seus professores, eles não sabiam que era “de candomblé”:

Não tinha porque falar, né? Até porque tem pessoas que não aceitam. Infelizmente, tem pessoas que não aceitam e passam a te discriminar, passam a te tratar mal, ficam estranhas com você, ficam diferentes. Você parece uma pessoa leprosa. Não, eu procurava não falar. Mas quem era da religião igual a mim, eu falava, sentava, batia papo. Mas quem não era da religião, eu evitava. (Anotações de campo.)

---

Mas em outro momento da entrevista sua fala demonstra a existência de preconceito e intolerância à sua orientação religiosa quando estudava. Omorodessi relatou que, quando mais nova, seus colegas a chamavam de “macumbeira”:

Eu nunca dei confiança a essas pessoas. São pessoas ignorantes, que não têm cultura e não sabem o que é o candomblé, porque se soubessem, não ficavam criticando a religião. Candomblé é cultura, nada mais que cultura . (Anotações de campo.)

Omorodessi demonstra conhecimento e discernimento religioso, o que não a impediu de passar por inúmeras situações de intolerância e preconceito religioso. No seu caso, a escola, subjetivamente, não permitiu que afirmasse sua identidade religiosa, o que não causa estranheza, pois fatos como estes são recorrentes quando se trata de alunos que praticam religiões afro-brasileiras. Contudo, apesar de toda essa violência, seu percurso escolar não foi prejudicado.

Sobre a escolarização do filho, perguntei se seu o nome, Fajobi, não criaria uma “marca”, a que as pessoas associariam à religião, e se ela não tinha medo de atitudes de intolerância religiosa. Ela me respondeu que, por ocasião da matrícula dele na escola, conversou com a diretora (evangélica) que era candomblecista, que cultuava os orixás, e até aquele momento, não havia qualquer fato que pudesse ser interpretado como intolerância da escola à sua orientação religiosa ou a de seu filho.

É desejo de Omorodessi uma escolarização mais longa ou programada para Fajobi. Ela afirma ter muita vontade que seu filho estude, para que possa ter uma vida melhor, pois a escola é vista como pré-condição para a aquisição de um bom emprego.

Eu quero que ele seja uma pessoa na vida, que ele siga a carreira militar. Eu quero muito que o meu filho seja militar. Eu tenho um sonho e se Deus me der vida até lá, eu vou ver meu filho militar. Eu quero que o meu filho seja uma pessoa melhor. Ele já está na escola, ele estuda na escola Dalva de Oliveira, ele está no jardim de infância. (Anotações de campo.)

Ela não se refere à universidade, mas afirma que gostaria que ele seguisse a carreira militar, o que pressupõe que ele conclua o Ensino Médio em condições favoráveis. Nesse sentido, ao falar sobre os horizontes de escolarização do filho, ela aponta para uma dimensão da escola cujo papel é possibilitar, segundo suas palavras, “um bom futuro e uma vida melhor”. Isto é, “ter um objetivo na vida”:

Não adianta ter professor na sala de aula, se o professor não ensina. Isso pra mim não é uma boa escola. O bom professor é aquele dedicado, que esteja a tempo e a hora para ajudar o



---

aluno. Se o aluno faz mil perguntas, o professor tem que responder às mil perguntas. Pra mim, uma boa escola e um bom professor é isso. (Anotações de campo.)

Uma escola que ensina e educa. Para Omorodessi, educação não se aprende só em casa, pois na escola os professores também devem educar o aluno (educar e ensinar). Duas dimensões, instrumental e identitária, que imbricam em um mesmo espaço.

Sobre o que se aprendia no candomblé, ela afirma que, no candomblé, o(a) filho(a) de santo aprende o respeito à hierarquia: “Tudo na vida da gente tem hierarquia, né?”. Ela assume que procura educar seu filho a partir dos valores existentes na religião, objetivando torná-lo um homem direito, respeitador e sem vícios. Para ela, o candomblé é “mais aprendizagem de valores”.

Para acompanhar a escolarização do filho, Omorodessi se dedica ao máximo. Como não está trabalhando, ela o leva à escola. Ela apresenta um dado importante sobre como faz esse acompanhamento escolar do filho:

Eu passo trabalho pra ele, eu vejo o que a professora está passando... Ele tem um caderninho onde eu vejo os trabalhos que a professora dele passa. Ele mesmo pede para eu passar. E ele faz tudo direitinho. (Anotações de campo.)

Observa-se que Omorodessi reproduz a lógica presente nas famílias de camadas populares – criar momentos ou atividades específicas de estudar –, onde o trabalho educativo faz parte das estratégias que visam a um melhor rendimento dos filhos na escola. No que se refere à participação do pai nesse processo, ela declara que seu companheiro “não tem tempo”. Ele sai de casa às quatro horas para trabalhar e retorna às 21 horas. Segundo ela, seu companheiro não dispõe de tempo para ficar com o filho, pois, quando está em casa, trabalha fazendo bico: “Ele não sabe ficar parado”. Diz que isso não impede que eles conversem sobre a escola do filho e que ele também nutre o sonho de Fajobi seguir a carreira militar.

Nesse caso, não se trata de omissão parental, mito desenvolvido e propagado dentro da escola, pois esse pai participa, mesmo que indiretamente e das mais variadas formas, da vida escolar do filho, pois, com os recursos provenientes de seu trabalho, compra o material escolar necessário à escolarização dele (LAHIRE, 1997). Outro dado relevante é o envolvimento de pessoas da família no processo de escolarização de Fajobi. Omorodessi afirma que, quando trabalhava, era sua mãe a responsável por levar e buscar Fajobi na escola, além de auxiliá-lo nas atividades escolares, em uma demonstração de que o conceito de família ampliada ou extensa pode ser operado nesse contexto de relações familiares, onde a escola é um objetivo comum.

---

Indagada se gostaria que ele se iniciasse, afirma que sua mãe de santo nunca tocou no assunto. Mas, se o filho quiser “ser de santo”, que seja feita sua vontade:

Ele tem livre-arbítrio para decidir. Eu não vou obrigar ele a ficar aqui. Quer ir pra igreja, vai para a igreja. Quer ir pra macumba, vai pra macumba. Porque enquanto é criança, ele faz o que a gente quer, mas quando é adulto, ele tem que fazer o que ele quer, e não o que a gente determina. Eu não tenho nada contra. Se ele quiser ficar, eu vou ficar feliz, mas se não quiser, bom também. Mas no fundo eu gostaria de ver ele no candomblé. Eu acho que ele vai ser ogã. Até agora, quem protege ele é Ogum. Vamos ver, né? A gente só sabe isso nas horas exatas. Mas, no momento, quem protege ele é Ogum. (Anotações de campo.)

Para Omorodessi, o futuro de seu filho está diretamente relacionado à escola, aos resultados imediatos de uma escolarização sem interrupções, no seu caso, o ingresso na carreira militar. Porém, existe outra dimensão nesse processo, que é a da continuidade religiosa. Tanto isso é verdade que, mesmo o pai não concordando com o fato de o filho frequentar o candomblé, a escolha do nome pela mãe de santo, ou por Ogum, como ela afirma, traduz a opção por um vínculo societário, no qual a pertença ao grupo religioso é seu objetivo primeiro.

### **PERCEPÇÃO ACERCA DA ESCOLA E DO CANDOMBLÉ**

A trajetória dessa filha de santo – Omorodessi de Oxossi – apresenta como característica comum a condição de mãe. Sua entrada no candomblé se deveu a dois fatores: a iniciação como fator de construção e consolidação da identidade afro-brasileira e a dimensão terapêutica das religiões afro-brasileiras. Neste caso, a iniciação religiosa foi ao encontro de uma construção identitária, pois ao se iniciar, consolida o vínculo religioso estabelecido pela mãe através da pertença ao terreiro de Mãe Flor. Embora o candomblé, em suas mais variadas formas, faça parte de sua vida desde a infância, o nível de escolarização alcançado por Omorodessi não teve relação direta com as atividades religiosas que exercia como filha de santo, seja na condição de abiã ou de iniciada. Para Omorodessi, a escolarização aconteceu no “tempo normal”, estudando somente até o terceiro ano do Ensino Médio.

No que tange à educação do seu filho, esta se dá de duas maneiras: através da brincadeira entre as crianças no terreiro, nos dias de festa, onde Fajobi juntamente com seus pares – outras crianças que frequentam a casa nas mesmas condições que Fajobi – apreendem os saberes e fazeres advindos das comunidades terreiro; e a educação institucional, a que certifica.

---

Embora Omorodessi trabalhasse fora de casa, assumiu o encargo educacional da família – escolha da escola, acompanhamento escolar, em casa e na escola, horizontes de escolarização –, enquanto o pai exerce somente o papel do provedor. O futuro do filho – seguir uma carreira militar – está diretamente relacionado à escola e aos resultados que uma boa escolarização pode proporcionar. Seu objetivo é dar ao filho “uma vida melhor”, que não está distanciada de sua relação com o terreiro, pois é Ogum quem o protege e, certamente, “escolherá o seu caminho dentro da religião”. A prioridade é a conclusão do Ensino Médio e o ingresso no mercado de trabalho, repetindo a lógica da necessidade presente nas estratégias adotadas pelas famílias de camadas populares.

Um dado relevante, é que a escola se constituiu em um espaço de tensão e de acolhida no que diz respeito às manifestações de intolerância. No caso de Omorodessi, a estratégia se mantém, porém, ela se apresenta na forma de uma conversa direta com a diretora da escola de seu filho, identificando-se como candomblecista. Entretanto, na época de sua escolarização, ela era chamada, pelos colegas, de “macumbeira”.

Com relação às expectativas em relação ao futuro do filho no candomblé, para Omorodessi, o terreiro, é um espaço produtor de valores morais e, principalmente, valores indenitários capazes de forjar, em tensas e intensas relações, um *habitus*, um sistema de disposições orientador de condutas (SETTON, 2008).

Assim, a iniciação deve ser compreendida como uma lógica de ação em que a “perpetuação” da herança familiar é o objetivo maior, onde a herança dos referenciais míticos africanos de origem nagô, ou iorubana, é significada pelos participantes das comunidades-terreiro e se constituiu em uma das principais ferramentas de interpretação da realidade de seus membros (SANTOS, Juana Elbain, 1998).

O mito no candomblé, itan, possui uma dimensão pedagógica, onde a herança dos referenciais civilizatórios africanos pelos participantes das comunidades-terreiro constitui-se e se constituiu numa das principais ferramentas de interpretação da realidade dos seus membros. Assim, o mito deve ser entendido como gerador de conhecimento e aprendizagem, sendo o candomblé uma “religião-escola” e o terreiro, espaço sociopolítico e cultural, onde se aprendem e se afirmam valores comunitários, mediante uma postura ética específica do *ethos* religioso do candomblé. O mito é gerador de conhecimento e aprendizagem (SANTOS, Maria Consuelo Oliveira, 1998).

---

Neste sentido, ter o (a) filho (a) iniciado (a) no candomblé é dar continuidade a toda e qualquer experiência religiosa acumulada e vivenciada por ela. Omorodessi vê com bons olhos a possibilidade de o filho vir a ser ogã de Ogum, o que consolidaria a trajetória da família na religião. Observa-se que, a escola é mais valorizada que o terreiro, por se constituir no espaço que possibilita a certificação, embora admita a importância do terreiro no processo de educação do filho. Ela vê a escolarização do filho como instrumento de mobilidade social e espera, via escola, que ele alcance uma posição social de certa forma superior à que ela ocupa.

---

## REFERÊNCIAS

- FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, 2003.
- LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.
- LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 2002.
- MACHADO, Vanda. *Ilê Axé: vivências e invenções pedagógicas – as crianças do Opô Afonjá*. Salvador: EDUFBA, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa quantitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.
- QUINTANA, Eduardo. *No terreiro também se educa – relação candomblé/escola na perspectiva de candomblecistas*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense. 221 p. 2012
- SANTOS, Juana Elbain. *O Nãgô e a morte: Pãdê, Àsèsè e o culto Égun na Bahia*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- SANTOS, Maria Consuelo Oliveira. *A dimensão pedagógica do mito: um estudo no Ilê Axé Igexá*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. As religiões como agentes da socialização. *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 15-25, 2008.
- SIMMEL, Georg. *Religião: ensaios*. São Paulo: Olho d'Água. 2009. Vol. 1 e 2.
- VERGER, Pierre. A contribuição especial das mulheres ao candomblé do Brasil. In: *Culturas africanas*. São Luís do Maranhão: Unesco, 1986.

---

## RESUMO

O texto tem por base pesquisa em desenvolvimento, cujo objetivo é analisar a relação entre o terreiro e a escola, tem como cenário terreiros de candomblé situados na Região Metropolitana do Rio de Janeiro e, como sujeitos, praticantes do candomblé pertencentes a terreiros distintos. No texto apresentamos os primeiros dados da pesquisa, analisando a trajetória de uma das filhas de santo entrevistada. Conceição de Oxossi, mulher negra, de família candomblecista, e de seu filho Fajobi. Sua fala é permeada pelo sentido da maternidade e da identidade religiosa. Através dela, faremos uma imersão no universo religioso do candomblé, os motivos que levaram Conceição a ingressar no universo religioso afro-brasileiro, sua escolarização e a do filho, e as relações de preconceito e intolerância.

**Palavras-chave:** infância, escolarização, religiosidade afro-brasileira.

## ABSTRACT

The text is based on research development, which aims to analyze the relationship between the community and the school, is the scene of candomblé yards located in the metropolitan area of Rio de Janeiro and as subjects, candomblé practitioners belonging to different religious communities. In the text we present the first research data, analyzing the trajectory of one of the interviewed holy daughters. Conceição of Oxossi, black female, candomblecista family, and his son Fajobi. His speech is permeated by a sense of motherhood and religious identity. Through it, we will make an immersion in the religious universe of candomblé, the reasons Conceição to join the african-Brazilian religious universe, their schooling and the child, and the relationship of prejudice and intolerance.

**Keywords:** childhood, schooling, african-brazilian religion.

*Submetido em mar. 2015*

*Aprovado em out. 2015*